

**APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ – ESTRESSE DE MINORIAS E
EDUCAÇÃO: PERSPECTIVAS PEDAGÓGICAS PARA A FORMAÇÃO
DE REDES DE APOIO, CUIDADOS E REFERÊNCIA**

***PRESENTATION OF THE DOSSIER – MINORITY STRESS AND
EDUCATION: PEDAGOGICAL PERSPECTIVES FOR THE FORMATION
OF SUPPORT, CARE AND REFERENCE NETWORKS***

Márcio Rubens de Oliveira¹

Nélio Vieira de Melo²

Jorge Júlio de Carvalho Valadas Gato³

A Teoria do Estresse de Minorias foi originalmente proposta por Winn Kelly Brooks (nascida Virginia Rae Brooks) para dar conta do impacto da discriminação na saúde mental de mulheres lésbicas (Brooks, 1981). Posteriormente, em 1995, Ilan Meyer, professor do *Williams Institute* (Universidade da Califórnia, Los Angeles – UCLA) abordou este fenómeno com

136

¹ Doutorando e Mestre em Educação Contemporânea (PPGEduC) - Universidade Federal de Pernambuco – Centro Acadêmico do Agreste (UFPE-CAA); Especialista (*Lato sensu*) em Neuropsicologia Clínica – Faculdade Redentor; Graduado em Psicologia – Faculdade do Vale do Ipojuca. Integrante do Observatório dos Movimentos Sociais na América Latina (OMSAL-UFPE). E-mail: márciorubensoliveira1@gmail.com.

² Doutor em Filosofia (1998) pela Università Pontificia Salesiana – Roma/Itália (UPS); Professor titular da Universidade Federal de Pernambuco/Centro Acadêmico do Agreste (UFPE/CAA); Área de ensino, pesquisa e extensão: Fundamentos Históricos, Filosóficos e Sociológicos da Educação; Membro do Conselho Nacional da Revista Debates Insubmissos/UFPE; Membro do Grupo de Pesquisa Educação, Inclusão Social e Direitos Humanos: UFPE-CNPq. E-mail: nelio.melo@ufpe.br.

³ Professor Auxiliar Convocado na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP). É Terapeuta Sistémico e Familiar pela Sociedade Portuguesa de Terapia Familiar e especialista em Psicologia Clínica e da Saúde, com Especialidade Avançada em Psicoterapia, pela Ordem dos Psicólogos Portugueses. É Presidente da *European Society on Family Relations*. Está convicto de que os/as psicólogos/as têm um papel imprescindível na sociedade contemporânea, quer a nível da promoção da mudança pessoal, quer da mudança social. Nesta medida, além do trabalho clínico e de investigação, intervém ativamente na defesa dos direitos humanos das pessoas LGBTQ+. E-mail: jorgegato@fpce.up.pt.

homens gays e estendeu-o aos homens bissexuais (Meyer, 1995; Meyer; Dean, 1998). De facto, há mais de três décadas, os estudos desenvolvidos por Meyer e outros autores (e.g., Frost; Meyer, 2023) têm repercutido teorias que buscam compreender como pessoas Lésbicas, Gays e Bissexuais – LGB vivenciam condições estressoras específicas, que vão para além das vivências comuns de pessoas heterossexuais. Estas condições específicas, segundo apontam as investigações sobre o tema, exercem impactos comprovados na saúde mental de pessoas LGB.

Importante destacar que o recorte LGB realizado pelo professor Meyer foi ampliado, pois estudos posteriores, e, sobretudo, pesquisas mais recentes, demonstraram que outras identidades sexuais e de gênero também são impactadas com condições estressoras específicas, além de serem consideradas questões interseccionais, temporais e ambientais, entre outras, que atuam como mecanismos que impactam a saúde mental destas pessoas (e.g., Hendricks & Testa, 2012).

Estudos como os de Rivas-Koehl, Rivas-Koehl e Smith, do *Department of Human Development and Family Studies*, da *University of Illinois Urbana – Champaign*, nos Estados Unidos, publicados no ano de 2023, pelo *Journal of Family Theory & Review*, objetivaram contribuir para a teorização do Estresse de Minorias, propondo um novo modelo, no qual se considerem as questões em torno da interseccionalidade e da temporalidade. Um marco importante nos estudos que foram sendo desenvolvidos ao longo destas duas décadas, aponta para a necessidade de que as investigações e teorias não se limitem aos fatores negativos, mas que sejam consideradas estratégias relacionadas ao apoio, ao cuidado e ao enfrentamento do preconceito, violência e fatores estressores específicos, associados às identidades não-heterossexuais e não-cisgêneras. É nesse sentido que o campo da Educação, sobretudo, pelo seu caráter multifacetado e pelas relações que estabelece com outros saberes, como a Psicologia, por exemplo, pode representar um terreno propício para o desenvolvimento de estratégias que contribuam para a ampliação da Teoria do Estresse de Minorias, considerando perspectivas

pedagógicas para a formação de redes de apoio, cuidados e referência, possibilitando menores impactos na saúde mental, física e relacional das pessoas LGBTQI+⁴.

A Educação exerce, portanto, um papel de significativa relevância, quando pensadas estratégias e criação de redes de apoio, cuidado e referência a minorias sociais. Enquanto estrutura que acompanha o processo de vida e de desenvolvimento de todas as pessoas que alcança, a sua organização e práticas pedagógicas têm potencial para o enfrentamento de comportamentos e situações que refletem e mantêm desigualdades sociais e discriminação.

Diante disso, a Educação poderá contribuir de modo muito significativo, considerando ações direcionadas e pedagógicas que considerem, no mínimo, quatro perspectivas: i) Formação continuada e permanente para professoras/es, gestoras/es e demais profissionais da educação, de modo que contribua para o aprofundamento das diversas especificidades, relacionadas às individualidades e representatividades, compreendendo que as vivências são subjetivas, e que grupos específicos têm experiências e necessidades específicas; ii) Currículo flexível, reflexivo, inclusivo e afirmativo. Esta perspectiva contribuirá para que a diversidade e as diferenças sejam reconhecidas, alcançadas e respeitadas pelas estruturas curriculares, possibilitando a visibilidade de pertencimento de todas as pessoas; iii) Estabelecimento de um espaço seguro. A Educação, enquanto um campo de atuação vasto, possibilita o desenvolvimento de estratégias que reforçam a importância do aprofundamento e pensamento crítico e a criação de espaços que garantam segurança para às diferenças; grupos de estudo, grupos de apoio, grêmio estudantil e coletivos organizados são espaços que, se potencializados, podem se tornar significativas ferramentas de visibilidade de minorias, bem como, estruturas de segurança e legitimidade; e, iv) Implementação de redes de apoio, as quais podem ter na Educação um território de segurança e articulação. As redes de apoio são fundamentais, quando se pensa em minorias sociais, sobretudo, porque muitas pessoas e grupos, em razão de suas existências, alheias aos

⁴ Estamos utilizando a sigla LGBTQI+, considerando as significações que seguem: L: Lésbicas; G: Gays; B: Bissexuais; T: Travestis, Transexuais e Transgêneros; Q: Queer – que está relacionado a pessoas que não se reconhecem ou se enquadram em padrões binários, além de considerarem corporeidades outras; I: Intersexo – referente a pessoas com variações e características anatômicas e/ou do sistema reprodutor congênitas de ambos sexos. E, o sinal de + que aqui representa a multiplicidade de possibilidades de vivência das sexualidades e identidades e expressões de gênero existentes ou que venham a ser reconhecidas.

padrões hegemônicos, não encontram respaldo e estruturas que os acolham. Desse modo, as redes de apoio atuam como este espaço de visibilidade e representatividade que tencionam as diversos estruturas e possibilitam o acesso a garantias e direitos.

Nesse sentido, o presente Dossiê teve como objetivo contribuir para a ampliação e aprofundamento de estudos que tenham como referências as Teorias do Estresse de Minorias e suas relações com a Educação, Psicologia e outras áreas afins. A perspectiva foi de que os estudos submetidos neste dossiê apontassem revisões e atualizações da literatura especializada, mas também investigações empíricas e relatos de experiências que destacassem as relações sobre o tema, sem deixar de considerar as questões em torno da interseccionalidade e temporalidade associados aos estressores específicos e impactos na saúde mental, vivenciados por pessoas LGBTQI+, bem como, estratégias pedagógicas de apoio, cuidado e referência.

O Dossiê inicia com as contribuições do artigo **A família como fator de risco e proteção ao estresse de minorias e saúde mental em adolescentes LGBT: uma revisão narrativa**, de autoria da Doutora Juliana da Rosa Pureza, da Mestranda Myllena Diessy da Silva e da Graduanda Amanda Doneda, da Universidade FEEVALE. Trata-se de um estudo de revisão narrativa que objetiva discutir o papel da família como fator de risco ou proteção ao estresse de minorias e saúde mental de adolescentes LGBT. Em seus resultados, as autoras destacaram que atitudes de rejeição, por parte da família, contribuem para o agravamento de vulnerabilidade emocional, por outro lado, o acolhimento e o apoio da família exerce função protetiva, favorecendo autoestima, resiliência e bem-estar. As conclusões apontaram que enfrentar o estresse de minorias requer ações políticas e educativas, capazes de articular família, escola e sociedade, em razão de ambientes mais protetivos e equitativos.

Na sequência, o artigo **Homossexualidade na escola: revisão de literatura**, de autoria do Doutor Daniel Cerdeira de Souza; da Graduanda Alessandra Nogueira de Mello e da Graduanda Nazilene Oliveira da Silva, da Universidade Federal do Amazonas – UFAM, apresenta um estudo de revisão de literatura que teve como objetivo analisar pesquisas sobre a homossexualidade na escola. Para o desenvolvimento do estudo foram selecionados 18 artigos, no Portal Periódicos da Capes, e aplicadas técnicas de Análise de Conteúdo. Com os resultados,

foram construídas 7 categorias que foram analisadas, a saber: 1) A homossexualidade, a escola e o segredo; 2) A identidade homossexual na adolescência; 3) Preconceitos e discriminações na escola; 4) Professores e a discriminação contra homossexuais na escola; 5) Homossexualidade e trabalho docente; 6) Formação de professores e a diversidade sexual; e, 7) Enfrentamento a discriminação homofóbica na escola. As conclusões apontaram que a escola atua como guardiã da heterossexualidade, reproduzindo ideologias, desigualdades sociais, vigilância e punição contra quem não atende às exigências dominantes, além de se omitir ao enfrentamento, diante do preconceito.

O artigo **Entre silenciamento e resistência: mulheres negras no ensino superior**, de autoria da Doutora Angela Maria Moura Costa, da Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO), apresenta um estudo de revisão bibliográfica que objetivou a investigação das conexões entre gênero e raça na formação e inserção das mulheres negras no ensino superior, enfatizando os desafios e as resistências que elas enfrentam. Além disso, buscou compreender de que maneira tais mulheres lidam com o racismo estrutural e sexismo, ao mesmo tempo em que produzem conhecimento, reconfigurando o espaço universitário, fortemente marcado pelo silenciamento e desvalorização. Com uma abordagem qualitativa e analítica, o estudo refletiu sobre a prática docente, no contexto da atuação no campo do Serviço Social, na graduação, pós-graduação e extensão universitária. As considerações finais apontaram a resistência e reconfiguração que as mulheres negras imprimiram no contexto acadêmico, enfatizando a importância de serem agentes de mudança e educação.

Finalizando o dossiê, o artigo **Multiplicando diferenças: uma análise de questões elaboradas por licenciandos a favor da diversidade lgbt+ nas aulas de matemática**, de autoria do Doutor José Ivanildo Felisberto de Carvalho, do Mestre Davi da Silva Nascimento e do Mestrando Wesley de Arruda Maciel, da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, apresentou um estudo que discutiu sobre a importância de viabilizar reflexões que tratem sobre a realidade que atinge a pluralidade sexual, possibilitando visibilizar a comunidade LGBTQ+, considerando que o silenciamento nos materiais didáticos mantém invisibilizadas as pessoas desta comunidade. Tratou-se de um estudo empírico, realizado através de oficinas, com

estudantes de curso de formação inicial de professores de Matemática. O marco teórico e análises fizeram uso da Pedagogia *Queer* e da Matemática para Justiça Social. As conclusões destacaram o potencial das atividades propostas, no sentido de mobilizar os participantes para fora de suas zonas de conforto, possibilitando reflexões sobre diferentes formas de atuação para o ensino de Matemática e destacando a importância do distanciamento da neutralidade e da promoção da equidade.

A partir dos artigos que compõem o **Dossiê: Estresse de minorias e educação: perspectivas pedagógicas para a formação de redes de apoio, cuidados e referência**, são lançadas sementes, no sentido de visibilizar esta discussão e contribuir para a ampliação e aprofundamento da temática. Além de representar um marco significativo de intercâmbio institucional e intercontinental. Os votos é que muitos outros campos de reflexão, de diálogo, de ampliação e construção de conhecimento sejam mobilizados, reforçando a universidade como uma importante rede de apoio e lugar seguro para o exercício pedagógico de ser cuidado e de ser referência de diversidade, acolhimento e inclusão de todas as diferenças.

Excelente leitura para todas/os!

REFERÊNCIA

Brooks, V. R. **Minority stress and lesbian women**. Lanham: Lexington Books, 1981.

Frost, D. M.; Meyer, I. H. (2023). Minority stress theory: Application, critique, and continued relevance. **Current Opinion in Psychology**, Amsterdã, 51, 101579. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2023.101579>.

Hendricks, M. L.; Testa, R. J. A conceptual framework for clinical work with transgender and gender nonconforming clients: An adaptation of the Minority Stress Model. **Professional Psychology: Research and Practice**, Washington, n. 43, v. 5, p. 460–467, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/a0029597>.

Meyer, I. H. Minority stress and mental health in gay men. **Journal of Health and Social Behavior**. Califórnia, n. 36, v. 1, p 38–56, 1995. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/2137286>.

Meyer, I. H.; Dean, L. Internalized Homophobia, Intimacy, and Sexual Behavior among Gay and Bisexual Men. *In*: G. M. Herek (ed.). **Stigma and Sexual Orientation: Understanding Prejudice against Lesbians, Gay Men, and Bisexuals**. Califórnia: SAGE Publications Inc, 1998, p. 160–186. Disponível em: <https://doi.org/10.4135/9781452243818.n8>.